

FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

ÍCARO SILVEIRA TUCHE¹; SÔNIA MARIA SCHIO²; VERA L. S. SCHWARTZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – tucheicaro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – soniaschio@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – verasschwarz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O texto a seguir apresenta o relato da experiência do residente Ícaro Tuche no Programa de Residência Pedagógica (PRP) - 2022-2024, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Por isso, a partir desse momento, a exposição será em primeira pessoa do singular, sem olvidar, porém, o contexto no qual a narrativa está fundada. A experiência narrada refere-se ao que foi vivenciado pelo residente em questão, até o momento, em companhia dos demais colegas residentes, preceptores, orientadoras e estudantes secundaristas, nos dois primeiros módulos do PRP (nov/2022 - ab/2023; mai/2023 - set/2023).

O Programa de Residência Pedagógica é um programa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que busca contribuir para a formação inicial de professores da educação básica, possibilitando a alunos licenciandos uma maior proximidade com o ambiente escolar, de modo a conciliar a teoria e a prática, isto é, ampliar os conhecimentos e as reflexões, aportar segurança aos futuros professores, aperfeiçoar a escrita e a leitura e contribuir com o ensino-aprendizagem dos alunos da Escola parceira.

O núcleo de Filosofia e Sociologia da UFPel iniciou as atividades em novembro de 2022, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sônia Schio e da Prof.^a Dr.^a Vera Schwartz, contando também com os professores preceptores das escolas parceiras: Instituto Estadual de Ensino Assis Brasil, Colégio Estadual Cassiano do Nascimento e Colégio Municipal Pelotense. A base teórica estudada foi muito adequada para a nossa etapa de formação, desenvolvida principalmente em nossas duas reuniões semanais, cuja intensidade foi mitigada no decorrer dos módulos em vista de abrir espaço para outras competências. Já nas primeiras reuniões, nós, residentes, escolhemos as escolas nas quais atuaríamos durante todo o percurso do PRP. Eu escolhi realizar as minhas atividades no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB), sob a tutoria do Prof. Fernando Rosário, junto a outros alunos e alunas de Filosofia e de Sociologia: mais quatro residentes e um/uma residente voluntário.

Em nossa etapa formativa, nos encontros semanais do núcleo, tivemos contato com os princípios filosóficos-epistemológicos que fundamentaram nossa compreensão dos diversos modelos educacionais, da maneira como podemos abordar aquilo que ensinaremos e com os alunos para os quais ensinaremos. Conhecemos a perspectiva fenomenológica da relação epistêmica, isto é, de conhecimento, composta por sujeito-objeto, a partir da qual nos foi possível analisar as diversas concepções didáticas que nos seriam apresentadas posteriormente. Segundo essa perspectiva, o sujeito apenas alcança o conhecimento contido no objeto quando há a intencionalidade em fazê-lo, o que nos permite compreender o estudante não como um receptáculo de informações, mas como um sujeito do qual somente em atividade cognitiva, na relação com o objeto, o permite assenhorar-se dos dados, informações, características, propriedades do objeto cognoscível, isto é

conhecê-lo. Sendo assim, o aluno não é apenas um objeto para o qual direcionamos como professores, mas um sujeito cognoscente com quem nos interrelacionamos – também enquanto sujeitos cognoscentes -, possuindo ambos um objeto em comum (o conteúdo, a matéria, que é cognoscível – HESSEN, 2000).

Providos desses e outros elementos básicos da Teoria do Conhecimento, vivenciamos a oportunidade de conhecer e de comparar cada um dos modelos pedagógicos ou, em outros termos, as abordagens de ensino-aprendizagem, segundo os textos de MIZUKAMI (1986) e VATTAN (2005), como as abordagens tradicional, cognitivista, humanista, comportamentalista e sociocultural. O estudo de cada uma delas permitiu que percebêssemos que existem diversos modos de lecionar, isto é, que existem várias concepções de ensino, para além da forma mais tradicional, capacitando-nos a refletir sobre qual delas condiz melhor com a nossa perspectiva. Percebemos como podemos ou devemos nos portar em sala de aula, de como devemos “enxergar” o aluno, e de qual é o papel do educador, da escola etc.

Também nos foi oportunizado o contato com algumas perspectivas educacionais baseadas nos trabalhos de Vygotsky e Wallon, que procuram retomar o afeto como parte importante do processo educativo, de modo a se afastar de uma concepção mais clássica, na qual há a separação entre a razão e a emoção. Essas interpretações buscam aceitar uma postura mais flexível às percepções na relação com o aluno, reconhecendo-o em sua totalidade, não apenas como uma tábula rasa destituída de sentidos, como se não fosse afetado pelo que há no entorno dele (COSTA, 2017).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho refere-se aos dois primeiros módulos do Programa de Residência Pedagógica no núcleo de Filosofia e Sociologia da UFPEL, no período entre novembro de 2022 e setembro de 2023. O relato terá como base as experiências nos módulos de formação e de regência do PRP, bem como o suporte teórico que foi utilizado no decorrer do programa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo as diretrizes do Novo Ensino Médio, a disciplina de Filosofia é obrigatória apenas no 1º ano, enquanto a de Sociologia, apenas no 2º. Todavia, devido à recente implementação do novo currículo e à falta de um professor de nossa área, foi necessário que nós, da Filosofia, observássemos o professor Fernando (de Sociologia) nas últimas turmas de Ensino Médio, do currículo antigo, enquanto as residentes de Sociologia observaram o professor Fernando nas turmas do itinerário formativo “Mundo do Trabalho”, do 1º ano, cujo tema é mais próximo às Ciências Sociais do que da Filosofia.

A nossa atuação, na escola parceira, ocorreu a partir de reuniões semanais de planejamento, produção de planos de aula e da experiência dentro de sala de aula, primeiramente com a observação, depois, com a regência. A base, para a formulação de nossas aulas, foi a matriz de referência do Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE). Iniciamos, logo após a primeira reunião na Escola, a nossa inserção nas turmas. Fui designado à turma 3EM1, composta de 26 alunos matriculados. Logo na primeira aula foi aplicado um questionário socioantropológico, com o objetivo de melhor conhecer nossas turmas e de compreender qual seria a melhor maneira de direcionar nosso planejamento das aulas.

A aplicação dos planos de aula ocorreu, na medida do possível, nas semanas seguintes às suas elaborações. Em geral, não houve a possibilidade de aprofundar muito os temas abordados, pois o tempo de aula é excessivamente limitado: apenas um período da carga horária para a disciplina de Filosofia (aproximadamente, 45 minutos por semana). Os mínimos “desvios” no curso da aula, como a aplicação da chamada, a espera pela chegada dos alunos etc., tornaram ainda mais difícil a tarefa de executar o Plano de Aula por completo.

Um dos desafios para a execução de nosso planejamento foi a constante mudança de dias e de horários de nossas aulas, que alteravam não apenas o tempo de suas execuções (alguns horários possuíam apenas 30 min), como a frequência dos alunos. Somando-se a isso, eventos adversos, como as fortes chuvas e ciclones que atingiram a Região Sul, impediram o a realização das aulas por conta do cancelamento das mesmas ou por falta de alunos.

Até o momento, cada um dos alunos de Filosofia seguiu um planejamento distinto, dadas as inconstâncias de horários e os atrasos de calendário. Iniciamos nossas aulas discutindo a Filosofia Política de Aristóteles e a dos Contratualistas; finalizamos abordando a Ética. Os contratemplos anteriormente citados impediram um maior aprofundamento, seja dos conteúdos, de exercícios ou de reflexões (conversas). Nas avaliações em que foram requisitadas respostas discursivas, foi possível perceber a (grande) dificuldade na escrita e na interpretação de texto por parte dos alunos.

No período de regência, percebi em minha postura como professor um viés tradicional, encontrado dificuldade de alterá-la para um modelo pedagógico no qual haja um maior diálogo com os alunos, apesar de todo o aporte teórico proporcionado no período de formação do PRP. Apenas na atividade prática, isto é, em sala de aula, compreendi o quanto é imprescindível o esforço na busca de estratégias que permitam que o aluno se torne protagonista de seus próprios estudos, por meio de um diálogo contínuo. Em outros termos, algumas vezes percebi que as minhas aulas se tornavam monólogos, para alunos que mal sabiam o que é a Filosofia ou para que ela serve e, ainda, quais eram os motivos que os levavam a aprender esse tipo de conhecimento, o filosófico.

Devido ao pouco tempo e ao espaço em que a turma e eu nos encontrávamos (pequeno, com recursos, se não escassos, limitados), e a minha inexperiência, as aulas na turma 3EM1 seguiram um padrão nos moldes mais tradicionais de educação. Seria possível uma maior interação, talvez, com o uso de recursos tecnológicos, propondo uma aula mais dinâmica e interessante, por meio de vídeos, de jogos interativos ou mesmo de simples slides, os quais me permitissem demonstrar algo de maneira ilustrativa. Entretanto, por fatores logísticos, isto é, uma sala pequena, com janelas muito amplas, sem espaço para a projeção, com a ausência de conexão com a internet, etc., não foi possível.

4. CONCLUSÕES

Encontrei, no Programa Residência Pedagógica, uma forma de aprimorar os meus conhecimentos teóricos e de me inserir no cotidiano educacional do Brasil, para melhor compreender a conjuntura na qual atuarei depois de formado, podendo, assim, aperfeiçoar-me na teoria e na prática educacional, bem como ter a possibilidade de exercer um papel mais ativo na tentativa de fomentar a valorização da Filosofia.

Apesar do grande apoio teórico no processo formativo, a prática se mostrou desafiadora, desvelando a realidade do ensino de Filosofia no Brasil. Não se trata de uma realidade exclusiva da Filosofia. O sucateamento da educação pública é evidente, e, enquanto colegas de outros grupos relatam a aproximação de suas escolas com órgãos privados, surge a dúvida de se o cenário é fruto de mero descaso ou de um planejamento minucioso para a criação de um Estado mínimo, que, segundo LIMA; GANDIN (2012), "pode ser compreendida em duas ênfases: no repasse de responsabilidade para instituições não-estatais em pensar uma política pública educacional para a alfabetização das escolas estaduais e na diminuição dos recursos humanos da máquina do Estado". Faltam professores e faltam recursos. Em nenhuma ocasião de minha experiência na escola parceira tive contato com um professor de Filosofia. Os alunos do terceiro ano, na turma em que atuei, nunca tiveram contato com a Filosofia antes de minhas aulas.

Creio, contudo, que a experiência proporcionada pelo PRP, até o momento, foi essencial para minha formação docente e, baseado no que já vivenciei, creio ser possível criar estratégias que aperfeiçoem minha atuação como professor. É essencial que mais alunos de licenciatura tenham a oportunidade de uma formação integral e de qualidade em programas como esse.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, F. **Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos**. Acessado em 30 out. 2022. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231918>.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acessado em 7 mar. 2023.
- _____. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acessado em 27 jan. 2023.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- COSTA, G. F. **O Afeto que Educa**. 2017. Tese de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- HESSER, J. **Teoria do Conhecimento**. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1980.
- LIMA, I. G.; GANDIN, L. A. Entendendo o estado gerencial e sua relação com a educação: algumas ferramentas de análise. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 7, ed. 1, p. 69-84, jan./jun. 2012. Acessado em: 20 set. 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa>.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- ROJAS, J. **O Lúdico na Construção Interdisciplinar da Aprendizagem: Uma Pedagogia do Afeto e da Criatividade na Escola**. [S. l.], 2010. Acessado em 2 fev. 2023. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/o-ludico-na-construcao-interdisciplinar-da-aprendizagem-uma-pedagogia-do-afeto-e-da-criatividade-na-escola/>.
- VATTAN, R. Abordagens do Processo de ensino aprendizagem. **Integração**. Jan, Fev, Mai. 2005, Ano XI, nº40, 19, 31.